



**UEPB**

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA  
CAMPUS I  
CENTRO DE EDUCAÇÃO  
DEPARTAMENTO DE LETRAS E ARTES  
CURSO DE GRADUAÇÃO EM LETRAS – PORTUGUÊS**

**MILENA THAYLANI DA SILVA OLIVEIRA**

**OS DISCURSOS XENOFÓBICOS NO BBB21 E SEUS EFEITOS DE SENTIDOS  
NA COMUNIDADE VIRTUAL DO TWITTER**

**CAMPINA GRANDE, PB  
2022**

MILENA THAYLANI DA SILVA OLIVEIRA

**OS DISCURSOS XENOFÓBICOS NO BBB21 E SEUS EFEITOS DE SENTIDOS  
NA COMUNIDADE VIRTUAL DO TWITTER**

Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo) apresentado à Coordenação do Curso de Graduação em Letras/Português, da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de licenciada em Letras.

**Área de Concentração:** Análise do Discurso

**Orientadora:** Profa. Dra. Tânia Maria Augusto Pereira

**CAMPINA GRANDE, PB  
2022**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

O48d Oliveira, Milena Thaylani da Silva.  
Os discursos xenofóbicos no BBB21 e seus efeitos de sentidos na comunidade virtual do Twitter [manuscrito] / Milena Thaylani da Silva Oliveira. - 2022.  
28 p.

Digitado.  
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras Portugêses) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2022.  
"Orientação : Profa. Dra. Tânia Maria Augusto Pereira , Departamento de Letras e Artes - CEDUC."

1. Discurso xenofóbico . 2. Efeitos de sentido. 3. Reality Show. 4. Comunidade virtual. I. Título

21. ed. CDD 401.41

MILENA THAYLANI DA SILVA OLIVEIRA

**OS DISCURSOS XENOFÓBICOS NO BBB21 E SEUS EFEITOS DE SENTIDOS  
NA COMUNIDADE VIRTUAL DO TWITTER**

Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo) apresentado à Coordenação do Curso Letras Português da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de licenciada em Letras.

**Área de concentração:** Análise do Discurso.

Aprovada em: 28 / 07 / 2022

**BANCA EXAMINADORA**



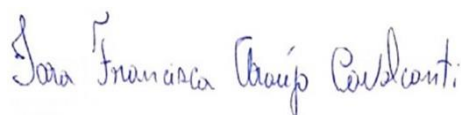
---

Profa. Dra. Tânia Maria Augusto Pereira (UEPB)  
(Professora orientadora)



---

Profa. Dra. Dalva Lobão Assis (UEPB)  
(Professora examinadora)



---

Profa. Dra. Iara Francisca Araújo Cavalcanti (UEPB)  
(Professora examinadora)

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO</b> .....	5
<b>2 METODOLOGIA</b> .....	7
<b>3 CONSIDERAÇÕES SOBRE A ANÁLISE DO DISCURSO</b> .....	7
<b>3.1 O discurso segundo Pêcheux, Bakhtin e Foucault</b> .....	9
<b>3.2 O conceito de ideologia</b> .....	12
<b>3.3 As condições de produção do discurso</b> .....	14
<b>3.4 Sobre os efeitos de sentido</b> .....	17
<b>4 CARACTERÍSTICAS DA XENOFOBIA</b> .....	18
<b>5 O DISCURSO DE ÓDIO E SUAS RELAÇÕES COM A XENOFOBIA</b> .....	21
<b>6 CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	25
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	26

## OS DISCURSOS XENOFÓBICOS NO BBB21 E SEUS EFEITOS DE SENTIDOS NA COMUNIDADE VIRTUAL DO TWITTER

Milena Thaylani da Silva Oliveira\*  
Prof. Dra. Tânia Maria Augusto Pereira\*\*

**RESUMO:** O *Big Brother Brasil* – popularmente conhecido como “BBB” - é um *reality show* que vem amplificando debates sobre temas importantes da atualidade, como, por exemplo, a xenofobia, a qual refere-se as ideologias que rejeitam culturas diferentes. Considerando isto, foi realizada uma pesquisa com o objetivo geral de analisar os discursos xenofóbicos relativos à fala de alguns participantes contra uma nordestina no BBB21 e como o preconceito pode vir a ser construído a partir de aspectos linguísticos, econômicos, sociais e culturais. Especificamente, pretendeu-se: i) verificar as condições de produção dos enunciados materializados pelos sujeitos, pela ideologia e pela história; ii) compreender os efeitos de sentidos provocado na comunidade virtual do *Twitter*, a qual é bastante utilizada para exposição de comentários durante a exibição do programa. A investigação está situada no campo dos estudos discursivos e alicerçada teoricamente nas ideias de Foucault (1996), Magalhães e Kogawa (2019), Fernandes (2008), Orlandi (2007), Brandão (2004), entre outros. Metodologicamente, a pesquisa teve um caráter qualitativo e bibliográfico, como também documental. Os resultados apontam que as reações preconceituosas são impulsionadas por memórias associadas às vivências e às condições impostas no meio social. Os efeitos de sentidos provocados na comunidade virtual provêm da necessidade de denunciar atitudes xenofóbicas, como também de atribuir a um determinado sujeito a origem de uma linguagem injuriosa, embora este seja apenas responsável pela repetição que se fixa e dá ao nome sua força.

**Palavras-chave:** Discursos xenofóbicos. Efeitos de sentidos. *Reality Show*. Comunidade virtual.

## XENOPHOBIC SPEECH ON BBB21 AND THEIR SENSE EFFECTS ON THE TWITTER VIRTUAL COMMUNITY

**ABSTRACT:** Big Brother Brazil - popularly known as "BBB" - is a reality show that has been amplifying debates on important topics today, such as xenophobia, which refers to ideologies that reject different cultures. Considering this, a research was carried out with the general objective of analyzing the xenophobic discourses related to the speech of some participants against a northeastern woman in BBB21 and how prejudice can be constructed from linguistic, economic, social and cultural aspects. Specifically, it was intended to: i) verify the conditions of production of the utterances materialized by the subjects, by the ideology and by the history; ii) understand the effects of meanings provoked in the virtual community of Twitter, which is widely used

---

\* Graduanda do curso superior de licenciatura em Letras Português, na Universidade Estadual da Paraíba. E-mail: [milena.oliveira@aluno.uepb.edu.br](mailto:milena.oliveira@aluno.uepb.edu.br)

\*\* Professora orientadora. Doutora em Linguística pela Universidade Federal da Paraíba. Mestre em Letras pela Universidade Federal de Alagoas. Professora efetiva do Departamento de Letras e Artes (DLA) e do Programa de Pós-Graduação em Formação de Professores (PPGFP), da Universidade Estadual da Paraíba. E-mail: [taniaaugusto@servidor.uepb.edu.br](mailto:taniaaugusto@servidor.uepb.edu.br)

to expose comments during the exhibition of the program. The investigation is situated in the field of discursive studies and theoretically based on the ideas of Foucault (1996), Magalhães and Kogawa (2019), Fernandes (2008), Orlandi (2007), Brandão (2004), among others. Methodologically, the research had a qualitative and bibliographic character, as well as documentary. The results indicate that prejudiced reactions are driven by memories associated with experiences and conditions imposed in the social environment. The effects of meanings provoked in the virtual community come from the need to denounce xenophobic attitudes, as well as to attribute to a certain subject the origin of an injurious language, although this subject is only responsible for the repetition that is fixed and gives the name its strength.

**Keywords:** Xenophobic speeches. Senses effects. Reality Show. Virtual community.

## 1 INTRODUÇÃO

O *Big Brother Brasil*, popularmente conhecido como “BBB”, é um *reality show* exibido pela Rede Globo desde 29 de janeiro de 2002. Vale salientar que o programa em questão foi inspirado na obra *1984*, de George Orwell - publicada em 1949 - e teve sua primeira edição em 1999, na Holanda. Posteriormente, esse formato de entretenimento foi exportado para diversos países, devido ao grande sucesso obtido. A ideia principal do programa televisivo é confinar, atualmente, anônimos e celebridades em uma casa com câmeras que vigiam os participantes a todo momento. Semanalmente, os telespectadores participam de uma votação para eliminar um *brother* ou uma *sister*, o último a deixar o programa conquista um prêmio milionário. Logo, trata-se de um jogo em que todos os envolvidos agem com a finalidade de convencer o público de que merece ganhar a competição. Para isso, há diversas provocações pensadas previamente, mas, principalmente, situações reais do dia a dia em que os participantes reagem de forma instantânea e demonstram suas verdadeiras ideologias, pois as cenas não são ensaiadas, como as telenovelas.

O *reality* em questão, considerado por alguns telespectadores como um gênero midiático sem muita relevância, vem amplificando debates sobre temas importantes da atualidade. Na edição de 2021, exibida entre 25 de janeiro a 4 de maio, houve uma grande repercussão em relação à xenofobia, a qual refere-se as ideologias que rejeitam culturas diferentes. Tais discussões são levantadas não só dentro do programa, como também no dia a dia, com amigos e familiares, principalmente, no mundo virtual. Por esse motivo, optamos, especificamente, pela a 21ª temporada do BBB, uma vez que esta se destacou das demais para realização do estudo referente à xenofobia.

Ademais, é válido destacar que o uso das mídias sociais por meio da internet está progressivamente mais presente na vida das pessoas, as quais expõem diariamente seus pensamentos nos diversos âmbitos desta rede. Mas, esse espaço de comunicação nem sempre é utilizado de forma benéfica, pois os indivíduos modificaram as possibilidades de comunicação e, muitas vezes, abusam do seu direito de liberdade de expressão e potencializam o discurso de ódio com a “cultura do cancelamento”<sup>1</sup>, embora esta não tenha sido a intenção durante a criação da internet.

---

<sup>1</sup> De acordo com o Dicionário Informal online, a cultura do cancelamento é uma forma moderna de julgar e excluir (do meio virtual e/ou do mundo real) uma pessoa ou um determinado grupo, devido a opiniões e comportamentos considerados inadequados. Em caso de celebridades, há um grande prejuízo na sua carreira após o linchamento virtual. Os discursos daqueles que atacam possuem uma

Considerando isto, elencamos dois questionamentos: de que maneira os discursos xenofóbicos se materializaram na 21ª edição do *Big Brother Brasil* e quais efeitos de sentidos circularam nas redes sociais durante a exibição do programa? Definimos como objetivo geral, analisar os discursos xenofóbicos relativos à fala dos participantes do BBB21 contra uma nordestina e como o preconceito pode vir a ser construído a partir de aspectos linguísticos, econômicos, sociais e culturais. Especificamente, pretendeu-se: i) verificar as condições de produção dos enunciados materializados pelos sujeitos, pela ideologia e pela história; ii) compreender os efeitos de sentidos provocado na comunidade virtual do *Twitter*, a qual o programa é bastante comentado durante sua exibição.

Para realização do estudo, utilizamos como aporte teórico Foucault (1996), Magalhães e Kogawa (2019), Fernandes (2008), Orlandi (2007), Brandão (2004), entre outros. Tendo em vista a heterogeneidade de elementos que compõem o campo discursivo, é importante ressaltar os conceitos que funcionaram como bússola no decorrer da pesquisa: enunciado, efeito de sentido e ideologia, apoiando-se na tríade fundamental – discurso, sujeito e história. O *corpus* da pesquisa é composto por 3 vídeos, publicados no *YouTube*, e por 5 recortes de cenas do BBB 21, disponíveis na plataforma *Globo Play* que retratam, especificamente, os discursos xenofóbicos e a reação provocada na participante Juliette, de origem nordestina. Os critérios para a escolha das publicações no *Twitter* - o qual foi bastante utilizado pelos internautas para divulgar suas considerações sobre o BBB21 - estão relacionados ao interesse de enfatizar os efeitos de sentidos gerados na comunidade virtual, como, por exemplo, a cultura do “cancelamento”.

Vale ressaltar também que o gênero *Twitter* é uma rede social que surgiu no ano de 2006 e, desde a sua criação, expandiu-se em todo o mundo e tornou-se um meio de comunicação poderoso na sociedade. Os internautas dessa ferramenta publicam mensagens – *tweets* - com o limite de 140 caracteres, a fim de atualizar constantemente seus seguidores – *followers* - sobre o que está fazendo ou pensando em um determinado momento; compartilhar – *retweetar* - um assunto já postado por outra pessoa; mostrar sua opinião em relação às notícias do dia a dia que estão em alta; solicitar soluções para um problema específico, entre outras intenções. Em alguns casos, uma simples mensagem pode gerar grandes repercussões e mudar a vida de uma pessoa, ocasionar uma reportagem jornalística ou, até mesmo, permitir que um acontecimento seja um dos assuntos mais comentados do mundo. Além do mais, a ferramenta de buscas do *Twitter* possibilita localizar, com grande facilidade, inúmeras manifestações relacionadas à uma determinada questão, destacando-se consideravelmente de outras redes sociais para realização desse estudo.

A execução dessa pesquisa justifica-se pela importância de trabalhar com um gênero que traz à tona temáticas de grande relevância, que possui um poder de amplificação e influência em vários âmbitos na sociedade, bem como demonstra situações factuais do dia a dia. Além disso, faz-se necessário analisar o *corpus* selecionado, uma vez que o mundo real está cada vez mais ligado e influenciado pelo mundo virtual, assim, depreende-se que os acontecimentos evidenciados nas telinhas interferem, diretamente, no nosso dia a dia. Ademais, após uma busca na internet, o presente tema - relacionado ao BBB – é pouco explorado no campo da AD, logo, justifica-se ainda mais a importância da pesquisa para os estudos discursivos.



## 2 METODOLOGIA

Já que pretendemos analisar os discursos xenofóbicos relativos à fala dos participantes nordestinos no BBB21 e como o preconceito pode vir a ser construído a partir de aspectos linguísticos, econômicos, sociais e culturais, este trabalho corresponde a uma pesquisa qualitativa, na qual a interpretação dos fenômenos se dá por meio de um contexto histórico social. Dessa forma, no material selecionado para análise, foram observados quem fala; o que fala; com quem fala; de onde fala e quando fala, a fim de compreender as condições que possibilitaram a produção dos enunciados e seus efeitos de sentidos. Sendo assim, nossa investigação encontra-se no campo teórico da Análise do Discurso (AD).

Em relação aos procedimentos técnicos, este trabalho analítico coincide com uma pesquisa bibliográfica, uma vez que utilizamos, essencialmente, as contribuições de diferentes autores a respeito de um determinado assunto, como também documental. Segundo Prodanov e Freitas (2013, p. 55), todo registro que origina informações é considerado um documento. Sendo assim - mediante avaliação crítica do pesquisador - fotografias, diários, panfletos, vídeos e informações dispersas, como, por exemplo, *tweets*, podem se tornar materiais importantes para realização de diferentes estudos, conforme os objetivos da pesquisa. É importante salientar também que, de acordo com Gil (2008, apud PRODANOV e FREITAS, 2013, p. 56), há dois tipos de documentos, estes são: as fontes de primeira mão e segunda mão. Os documentos de primeira mão são aqueles que não receberam qualquer tratamento analítico, logo, após uma busca na internet, depreende-se que o corpus do presente trabalho corresponde aos documentos de primeira mão, já que, até o momento, não foram analisados em uma perspectiva teórica.

Para realização do estudo, os discursos xenofóbicos contra uma nordestina foram transcritos após selecionarmos recortes de cenas do BBB21, disponíveis no *Globo Play* e *Youtube*. É importante ressaltar que, no decorrer da análise, nos restringimos às falas de Karol e Projota contra Juliette, uma vez que estas foram muito evidenciadas no *Twitter*. Para levantamento das manifestações publicadas durante a exibição do programa, utilizamos a ferramenta de busca do *Twitter*, selecionamos o material a partir dos termos: “BBB”; “cancela”; “Karol Conká” e, posteriormente, realizamos *prints* (capturas/fotos de tela).

## 3 CONSIDERAÇÕES SOBRE A ANÁLISE DO DISCURSO

Considerada uma área interdisciplinar, a AD não se trata de um campo que interessa apenas aos linguistas, mas também aos sociólogos, historiadores, psicólogos *etc.* Foi constituída enquanto disciplina nos anos 60, a começar pelos trabalhos de Harris, Roman Jakobson e Émile Benveniste. A obra de Harris corresponde a perspectiva americana e foi considerada o marco inicial da AD. Mas, seus procedimentos de análise fizeram com que conceituassem seu trabalho apenas como uma extensão da linguística. Em contrapartida, o trabalho de Benveniste “levanta a questão da relação que se estabelece entre o locutor, seu enunciado e o mundo” (BRANDÃO, 2004, p. 14). Dessa forma, se aprofunda em um dos principais pontos da AD, isto é, reflete sobre a “posição” do sujeito em relação aos enunciados emitidos.

Posteriormente, Orlandi aponta uma nova direção que se opõe à concepção de AD como extensão da linguística, sendo esta uma tendência europeia que entende a exterioridade como algo fundamental. Segundo Brandão (2004, p. 15), esse

“pressuposto exige um deslocamento teórico, de caráter conflituoso, que vai recorrer a conceitos exteriores ao domínio de uma linguística imanente para dar conta da análise de unidades mais complexas da linguagem.”

A fim de marcar sua especificidade nos estudos da linguagem, sem que esteja em uma linguística imanente, a AD considera, segundo Maingueneau (1987, *apud* BRANDÃO, 2004, p. 17), as seguintes dimensões:

o quadro das instituições em que o discurso é produzido, as quais delimitam fortemente a enunciação; os embates históricos, sociais etc. que se cristalizam no discurso; o espaço próprio que cada discurso configura para si mesmo no interior de um interdiscurso.

Nessa concepção, a linguagem passa a ser estudada com base em dois conceitos, que se tornaram fundamentais: discurso e ideologia. Dessa forma, os usuários necessitam adquirir um conhecimento que vai além ao sistema interno da língua, isto é, as regras que possibilitam a decodificação de frases.

Com base em todos esses fatores, surgiu a “primeira época” da AD de linha francesa, que vai de 1969 a 1975, e é constituída a partir de diálogos entre Pêcheux e Louis Althusser sobre o conceito de ideologia. No primeiro momento dessa fase, surgiu “a noção de maquinaria discursiva, autodeterminada e encerrada em si.” (FERNANDES, 2008, p. 81) É válido destacar também que o sujeito, nessa época, era visto como “assujeitado” no que diz respeito ao discurso, uma vez que “tinha a ilusão de que era a fonte de seus dizeres, mas na verdade era apenas um reproduzidor do já-dito.” (MAZZOLA, 2009, p. 11) Além disso, manifesta-se a questão de que “a existência do **outro** está subordinada ao primado do **mesmo**.” (PÊCHEUX, 1997b, p. 313 *apud* MAZZOLA, 2009, p. 11-12, grifo do autor). Posteriormente, para melhor exemplificarmos, tais questões serão discutidas e relacionadas com o discurso de ódio.

A “segunda época” da AD vai de 1975 a 1980 e é constituída a partir de diálogos entre Pêcheux e Foucault. Segundo Mazzola (2009, p. 14. grifo do autor), “esse período é marcado por duas incorporações: a) do conceito de aparelhos ideológicos de estado, de L. Althusser; b) da releitura da noção de FD, de Foucault, mas no interior das lutas de classe.”. FD refere-se à noção de formação discursiva, a qual constitui-se de “elementos que vêm de seu exterior, ao que Pêcheux denominou de *pré-construído*.” (FERNANDES, 2008. p. 82) Nesse caso, a produção de discursos tem suas condições pré-estabelecidas pelas ideologias que constitui o sujeito enunciativo. Além disso, uma formação discursiva remete a diferentes momentos históricos e, ao ser colocado em uma nova situação, gera outros efeitos de sentido. Nesse momento, surge a noção de interdiscurso, pois todo enunciado é constituído pelo cruzamento de diversos discursos ditos em diferentes épocas e diferentes lugares sociais. É válido destacar também que, apesar de ser uma outra época, o sujeito ainda é visto pela interpelação ideológica, com a falsa imaginação de ser dono do seu discurso. A interpelação é um ato de fala que tem como principal objetivo constituir um sujeito na sujeição. Por exemplo, aquele que enuncia palavras injuriosas e determina a posição subordinada do outro, é responsável pelo dito, mas não é seu originador.

No que se refere a “terceira época” da AD, os estudiosos não dispõem um marco bem definido, há quem diga que se iniciou em 1983 e se estende até os dias atuais. Essa fase é constituída de diálogos entre Pêcheux e Bakhtin, com a ideia de interdiscurso, logo, “tem-se um sujeito, agora, dividido, clivado e heterogêneo; o **outro**, o desconhecido e o inconsciente passam a fazer parte de sua identidade,

através de uma primazia sobre o **mesmo**.” (MAZZOLA, 2009, p. 14. grifo do autor). Conforme será discutido posteriormente, a formação identitária do sujeito está ligada diretamente com as suas vivências, tal como a regulamentação do domínio social. Assim, surgem diversos questionamentos e a ideia de maquinaria discursiva fechada, isto é, a neutralidade e a homogeneidade em relação às condições de produção começam a ser totalmente desconstruídas, uma vez que o discurso do outro passa a ser reconhecido nas palavras pronunciadas pelo locutor. Atualmente, “a Análise do Discurso aproxima-se de uma semiologia, cuja finalidade é possibilitar a AD pensar o não verbal.” (MAZZOLA, 2009, p. 14) Pois, um enunciado também pode ser uma imagem, uma bandeira, um outdoor, símbolos, figuras, uso de cores, etc.

### 3.1 O discurso segundo Pêcheux, Bakhtin e Foucault

A AD é uma disciplina que tem como objeto de estudo o discurso. E, por se tratar de uma área científica, deve ser analisada com embasamento teórico, tal como é efetivado neste trabalho. A princípio, para o desenvolvimento dessa questão, é fundamental nos fazermos a seguinte indagação: “afinal, o que é discurso?”

Sabe-se que o termo *discurso* é constantemente pronunciado em diferentes situações do nosso cotidiano e admite vários significados, como, por exemplo, para “efetuar referência a pronunciamentos políticos, a um texto construído a partir de recursos estilísticos mais rebuscados, a um pronunciamento marcado por eloquência, a uma frase proferida de forma primorosa, à retórica, e muitas outras” (FERNANDES, 2008, p. 7) Mas, como dito anteriormente, o discurso – enquanto objeto de estudo de uma disciplina científica – requer uma compreensão teórica. Partindo disso, a questão apresentada será respondida segundo a perspectiva de Pêcheux, Bakhtin e Foucault.

Inicialmente, Pêcheux afirma que o discurso não se reduz a fala, não pertence a um sujeito específico, não é o texto enquanto unidade material, o discurso também “não está subordinado à vontade do sujeito nem à explicação dos ‘fatos’ históricos ou à sua conformidade. Antes, trata-se de um objeto que implica estes últimos – o sujeito e a história-, conferindo a eles seu sentido e lugar.” (MAGALHÃES, KOGAWA, 2019, p. 152). Mas, é válido ressaltar que não há uma questão de hierarquia, uma vez que o funcionamento discursivo se dá exatamente no cruzamento dessa tríade elementar. Assim, pode-se entender que o discurso é o efeito de sentido que surge a partir da materialidade (um texto, uma propaganda, uma imagem, um pronunciamento etc.). Logo, não pode ser analisado meramente do ponto de vista da sua materialidade textual e linguística, mas sim, em uma perspectiva histórica e ideológica. Segundo Magalhães e Kogawa (2019, p. 164), na AD,

a pertinência da investigação está em descrever e interpretar, à luz das movências históricas, as condições de emergência que possibilitaram os enunciados que circularam: a que outros enunciados fazem referência? Em que rede se inscrevem? A que domínio de memória pertencem? Que efeitos de sentido produzem?

Dessa forma, um analista do discurso busca, na exterioridade das estruturas linguísticas, as condições que possibilitaram o aparecimento de um enunciado em determinado momento, de acordo com as posições dos sujeitos em interlocução. Na teoria pecheutiana, um discurso é entendido como uma mensagem que remete a outro discurso “já dito” e “já ouvido” em outros lugares, logo, esse processo está diretamente ligado com a ideologia “inscrita em nosso inconsciente, que nos condiciona a pensar e agir” (MAGALHÃES e KOGAWA, 2019, p. 143). Assim, o sentido das palavras

produzidas não existe em si mesmo, mas sim na relação com a exterioridade, que não se reduz a intenção do sujeito falante.

No pensamento Bakhtiniano, o discurso não é a fala ou o texto escrito, mas precisa do que se diz (escreve) para existir. Dessa forma, “o discurso é uma orientação semântica manifesta histórico-materialmente pelo encadeamento de atos” (MAGALHÃES, KOGAWA, 2019, p. 64) A partir disso, compreende-se que a interpretação dada sobre o conteúdo é tão importante quanto a materialidade do texto. E esse processo de fazer sentido se dá de maneira contínua na relação entre o sujeito e o Outro, os quais expressam suas condições histórico-culturais na maneira de fazer/receber o material imagético, uma obra de arte, um texto verbal, etc. Em outras palavras, no pensamento Bakhtiniano, a compreensão se dá a partir “do ético (vivência singular, mas não solitária), estético (dimensão material enformada de certo conteúdo) e cognitivo (âmbito conceitual, teórico, não vivencial).” (MAGALHÃES e KOGAWA, 2019, p. 50). Logo, todos esses aspectos são cruciais para conceituar o discurso na perspectiva dialógica.

Ademais, é válido ressaltar que a palavra se configura como um ato, uma vez que a significação de cada palavra abrange materialmente às vivências. Segundo Magalhães e Kogawa (2019, p.38),

o ato envolve a disposição recíproca daquilo que vejo e significo do meu lugar único e daquilo que o outro vê e significa de seu lugar. Porém, implica também aquilo que vejo do outro e que ele mesmo não pode enxergar de si e vice-versa. O ato se configura na e por meio da relação de alteridade, que é decisiva para o processamento de sentido, e não resulta estritamente da percepção individual.

Dessa forma, o discurso não está dado na materialidade da linguagem, mas realiza-se nas relações dinâmicas (e não mecânicas) entre os atos, os quais precedem e excedem a concretude de um determinado enunciado. É importante ter em mente que o enunciado é a unidade do discurso, ou seja, a parte menor, logo, se difere de discurso. Ademais, Bakhtin (2016, *apud* MAGALHÃES e KOGAWA, 2019, p. 120) afirma que o discurso “é dialógico por natureza.” Mas, tende em sua forma para a monologia ou dialogia. Nesse caso, quando há alterações feitas pelo destinatário, como, por exemplo, uma conversa no dia a dia, este tende a ser dialógico. Já as formas monológicas não preveem contribuições, tal qual um discurso científico.

Já Foucault, concebe o discurso como “um conjunto de enunciados que tem seus princípios de regularidade em uma mesma formação discursiva” (FOUCAULT, 1969, p. 146 *apud* BRANDÃO, 2004, p. 33). Vale ressaltar que, no pensamento Foucaultiano, há quatro elementos que compõem uma “formação discursiva” (FD): objetos; tipos enunciativos; conceitos e estratégias. Esses elementos são definidos por Brandão (2004, p. 32) como:

os *objetos* que aparecem coexistem e se transformam num “espaço comum” discursivo; os diferentes *tipos de enunciação* que podem permear o discurso; os *conceitos* em suas formas de aparecimento e transformação em um campo discursivo, relacionados em um sistema comum; os *temas e teorias*, isto é, o sistema de relações entre diversas estratégias capazes de dar conta de uma formação discursiva, permitindo ou excluindo certos temas ou teorias. (grifos da autora)

A partir disso, compreende-se que, ao analisarmos uma FD, estamos descrevendo um conjunto de enunciados inerentes a uma mesma formação

discursiva. No que diz respeito ao sentido de enunciado, para Foucault, há quatro características que o constituem: saber referencial; a relação do enunciado com seu sujeito; o campo adjacente e sua condição material. Respectivamente, o “referencial” é o mesmo que correlato, isto é, a relação do enunciado com um campo de objetos. Posteriormente, Foucault questiona o sujeito enquanto fundador da linguagem e as diferentes posições assumidas por ele no discurso. A terceira característica ressalta que não existe um enunciado independente, isolado, mas sim dentro de um “espaço colateral”, ou seja, um “campo adjacente”. A quarta e última característica é a “condição material”, em outras palavras, é o que faz o enunciado emergir enquanto objeto. Posteriormente, é válido ressaltar que, na primeira fase da obra Foucaultiana, seu objeto é o saber e, na segunda, o poder, que resultam na estrutura discursiva. Segundo Magalhães e Kogawa (2019, p. 179), para o filósofo francês,

existe um conjunto de regras anônimas que definem o que pode e deve ser dito em um determinado momento histórico. Ao retomar, em diferentes momentos e a partir de diferentes registros, aquilo que foi dito um dia, é possível compreender como os saberes e os poderes subjetivam e oferecem condições para que os sentidos do que é dito sejam produzidos.

Segundo Foucault, o enunciado é a unidade elementar básica que constitui o discurso, logo, se difere de frase, que considera apenas a estrutura linguística. Para uma melhor definição, faz-se necessário a distinção entre enunciado e enunciação. Respectivamente, “esta se dá toda vez que alguém emite um conjunto de signos; enquanto a enunciação se marca pela singularidade pois jamais se repete, o enunciado pode ser repetido.” (BRANDÃO, 2003, p. 36) Mas, vale ressaltar que uma mesma manifestação concreta, como, por exemplo, um “bom-dia”, ao ser proferido em situações diferentes caracteriza o surgimento de mais de um enunciado, já que este jamais será o mesmo, apesar da estrutura linguística igual. Segundo Fernandes (2008, p. 41),

os enunciados, assim como os discursos, são acontecimentos que sofrem continuidade, descontinuidade, dispersão, formação e transformação, cujas unidades obedecem a regularidades, cujos sentidos são incompletamente alcançados. Os enunciados, compreendidos como elementos integrantes das regularidades discursivas, inscrevem-se nas situações que os provocam e, por sua vez, provocam consequências, mas, vinculam-se, também, a enunciados que os precedem e os sucedem.

Para compreender, de fato, um enunciado, é necessário levar em consideração o espaço em que ocorre o dito, o que provocou sua formulação, as relações que integram, e não apenas as características formais. E, quando falamos na situação, nos referimos a enunciação, isto é, ao lugar sócio-histórico-ideológico de onde o sujeito enuncia. Logo, observa-se a relação direta entre o enunciado e a enunciação, uma vez que é necessário observar quem fala; o que fala; com quem fala; de onde fala e quando fala e, a partir disso, constitui-se o efeito de sentido. Por esse motivo, um enunciado jamais será o mesmo, pois em cada situação há condições de produção específicas, as quais envolvem “tudo o que está no campo da enunciação” (FERNANDES, 2008, p. 45).

Foucault (1996) afirma que há sistemas de classificação e de ordenação que controlam o discurso e funcionam como um sistema de exclusão. O primeiro é a *interdição* que revela uma ligação com o poder, em razão das circunstâncias, de um direito privilegiado ou uma exclusividade dada àquele que fala. “O poder é pensado como algo que se exerce do ‘alto’, das classes dominantes para as camadas mais

baixas da sociedade, os dominados.” (MAGALHÃES e KOGAWA, 2019, p. 199) Assim, pode-se compreender que a efetivação de um ato provém de convenções já estabelecidas anteriormente devido à estrutura social, ou seja, da ideia de superioridade e inferioridade existentes, considerando aqueles que possuem condições adequadas para realização do dito. Há muito tempo as leis ordenam a aparição dos discursos em uma sociedade, pois “não se pode falar de tudo em qualquer circunstância, que qualquer um, enfim, não pode falar de qualquer coisa.” (FOUCAULT, 1996, p. 9). O segundo princípio é a *segregação da loucura*. Nesse caso, o sujeito considerado louco é aquele que produz um discurso que não deve “circular como o dos outros: pode ocorrer que sua palavra seja considerada nula e não seja acolhida, não tendo verdade nem importância, não podendo testemunhar na justiça, não podendo autenticar um ato ou um contrato.” (FOUCAULT, 1996, p. 11) Assim, o louco era reconhecido através das palavras, e os médicos, até o fim do século XVIII, não o escutavam para saber como e por que eram pronunciados tais discursos. Na contemporaneidade, dizem que não há mais essa separação, uma vez que os psiquiatras, psicólogos e psicanalistas fornecem esse aparato aos pacientes, mas, é válido ressaltar que a escuta é sempre exercida através de um desejo de cesura.

Por fim, o terceiro sistema de exclusão é a *vontade de verdade*. Nesse caso, por volta do século VI, a verdade envolvia aquilo que o discurso fazia na sociedade, logo, era diretamente ligado ao exercício do poder. Um século mais tarde, a verdade se deslocou para o que era dito, isto é, “para o próprio enunciado: para seu sentido, sua forma, seu objeto, sua relação a sua referência.” (FOUCAULT, 1996, p. 15) Essa mudança possibilitou um desejo de saber que determinava ao sujeito certa função; um investimento de conhecimentos para que se tornem úteis socialmente. Segundo Foucault (1996, p. 21), esses três procedimentos dizem respeito “à parte do discurso que põe em jogo o poder e o desejo” de saber.

### 3.2 O conceito de ideologia

De acordo com Chauí (2008), o termo “ideologia” foi criado pelo filósofo Desttut de Tracy, no início do século XIX, após a Revolução Francesa (1789), mais especificamente no ano de 1801, em sua obra que tem por título *Eléments d’Idéologie* (Elementos de Ideologia). Segundo Chauí (2008, p. 25), Tracy buscava desenvolver

uma ciência da gênese das ideias, tratando-as como fenômenos naturais que exprimem a relação do corpo humano, enquanto organismo vivo, com o meio ambiente. Elabora uma teoria sobre as faculdades sensíveis, responsáveis pela formação de todas as nossas ideias: querer (vontade), julgar (razão), sentir (percepção) e recordar (memória).

A ideologia é fundamental, pois marca as diferentes posições dos sujeitos, a partir das suas vontades, das concepções de mundo e suas relações com trabalho, família, corporação, comunidade, etc. Essas diferentes opiniões geram conflitos, tanto no social como no linguístico, pois um está diretamente ligado ao outro, já que os indivíduos enunciam a partir de sua formação ideológica. Segundo Fernandes (2008), “a ideologia materializa-se no discurso que, por sua vez, é materializado pela linguagem em forma de texto; e/ou pela linguagem não-verbal, em forma de imagens” (p. 14) Assim, nesse processo, um analista de discursos deve ir além da materialidade linguística, ou seja, dirigir-se à exterioridade para compreender qual (ou quais) ideologia (s) integram as palavras enunciadas pelo sujeito. Na AD, quando nos

referimos a *sujeito* este não é um ser humano individualizado, mas sim um ser social, constituído em um campo associativo do “eu” e o “outro”.

Ademais, é válido ressaltar também que todo discurso é ideológico, independentemente do indivíduo que pronuncia, pois é comum relacionarem a ideologia com a classe dominante e, conseqüentemente, com uma injustiça a ser combatida. Para compreendermos melhor essa questão, analisaremos um dos discursos xenofóbicos da 21ª edição do Big Brother Brasil e sua articulação com a ideologia. No dia 29/01/2021, durante uma conversa, a participante Karol Conká refere-se a paraibana Juliette da seguinte forma:

#### Transcrição do vídeo 1

“As pessoas dizem: não, é o jeito dela, porque lá na terra dessa pessoa é normal falar assim. Eu sou de Curitiba, entendeu? é uma cidade muito reservadinha. Por mais que eu sou artista e rodo o mundo, eu tenho meus costumes. Eu tenho muita educação para falar com as pessoas, eu tenho meu jeito brincalhão, mas reparem que eu não invado [o espaço do outro], não desrespeito, não falo pegando nas pessoas. Eu acho estranho, mas essa pessoa [Juliette] falou que não faz por mal.”

**Fonte:** *Globo Play*. Recorte de tempo 24:13min. – 25:03min.

Por ser de Curitiba, a participante Karol se considera “muito bem-educada”, enquanto os costumes de Juliette são conceituados como “invasivos” e “desrespeitosos”, logo, a coloca em uma nova posição social subordinada. Nesse caso, devemos considerar a posição socioideológica do falante, e não nos limitarmos a identificar o responsável pela propagação de palavras injuriosas e defender o grupo subordinado. Isso porque a pessoa não é o objeto dessa teoria, o discurso xenofóbico não possui representantes e ser analisa de discursos não é uma questão de determinar verdades absolutas, tampouco combater injustiça social. Deixando essas questões de lado, um analista do discurso busca na exterioridade a presença da ideologia, manifestada nas escolhas lexicais. Sobre isso, Gregolin (2003, p. 26) comenta:

as formações ideológicas comportam uma ou mais formações discursivas, isto é, o que pode e deve ser dito a partir de uma dada posição em uma dada conjuntura. As palavras mudam de sentido ao passar de uma formação discursiva para outra e não podem ser apreendidas senão em função das condições de produção, das instituições que as implicam e das regras constitutivas do discurso. Por isso, não se diz uma coisa qualquer, num lugar qualquer, num momento qualquer.

A noção de formação discursiva possibilita uma compreensão a respeito da produção de sentido, da ideologia e as regularidades estabelecidas para o funcionamento do discurso. Segundo Orlandi (2007, p. 43), “as formações discursivas, por sua vez, representam no discurso as formações ideológicas”. Por esse motivo, as escolhas lexicais recebem seu sentido de acordo com a ideologia daqueles que as empregam, é como se as palavras se neutralizassem e, para que haja sentido, é necessária a interpretação dada pelo sujeito, após sua relação com o mundo. Então, quando passamos de uma formação discursiva para outra, os sentidos mudam, pois a ideologia intervém de um modo diferente para interpretação do que é dito.

Dessa forma, a participante Karol enuncia a partir de sua formação ideológica, assim, dispara reações como recusa, medo e ódio ao diferente, ao estrangeiro, isso acontece uma vez que o corpo mobiliza memórias, isto é, ensinamentos obtidos em uma determinada sociedade e as vivências que possui em relação àquele grupo

humano. “Muitos dos discursos e práticas xenófobos com caráter político e ideológico apoiam-se em acontecimentos históricos ou são alimentados pela memória e pelo ressentimento em torno de episódios do passado.” (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2016, p. 144). Em razão de pertencer a uma região geograficamente mais desenvolvida do que o Nordeste, o sulista tende a não se identificar com o nordestino, pois não o vê partilhando das mesmas qualidades humanas do seu grupo. Logo, compreende-se que os dizeres estão diretamente ligados com o social e são produzidos com base em condições pré-determinadas, mas, os indivíduos não possuem consciência da existência de tais regras.

É importante ressaltar também que, quando Karol define Juliette como ‘mal-educada’ por seu lugar de origem, ela não apenas descreve a paraibana, mas se relaciona com um histórico de falantes, pois “o indivíduo é interpelado em sujeito pela ideologia para que se produza o dizer.” (ORLANDI, 2007, p. 46). Isto significa que Conká não é responsável pela origem do enunciado, já que a participante reflete em suas palavras como os sulistas constroem há anos a identidade de nordestinos e, com isso, desrespeita toda uma região. Nesse caso, o poder deriva da comunidade e da história do sujeito-falante, pois, assim como afirma Butler (2021, p. 51), o momento do “enunciado é informado pelos momentos anteriores e, também, pelos momentos posteriores, que são ocultados por esse próprio momento. [...] É um conjunto herdado de vozes, um eco de outros que falam como ‘eu’”. Assim, a participante é responsável pela repetição que se fixa e dá ao nome a sua força, no entanto, há um esquecimento de que tais dizeres já foram ditos em outras épocas, conseqüentemente, uma origem fictícia é atribuída ao sujeito-falante.

Dessa forma, os processos ideológicos se dão por meio da memória – pois os dizeres possuem uma historicidade –, como também do esquecimento; assim, os sentidos e os efeitos são produzidos. Segundo Pêcheux (1975 *apud* ORLANDI, 2007, p. 34 e 35), há dois tipos de esquecimentos: o enunciativo e o ideológico. No que se refere ao enunciativo, temos a impressão de “que o que dizemos só pode ser dito com aquelas palavras e não outras.” (ORLANDI, 2007, p. 35) Já em relação ao ideológico, os sujeitos esquecem aquilo que já foi dito e, com isso, retomam expressões já “existentes como se elas se originassem neles e é assim que sentidos e sujeitos estão sempre em movimento, significando sempre de muitas e variadas maneiras. Sempre as mesmas, mas, ao mesmo tempo, sempre outras.” (ORLANDI, 2007, p. 36) Pois, uma mesma palavra adquire efeito de sentidos distintos de acordo com o lugar socioideológico do falante.

### 3.3 As condições de produção do discurso

Até o momento, mostramos que o sujeito enuncia a partir da sua formação ideológica, ou seja, da sua concepção de mundo, por esse motivo, há posições divergentes em uma mesma sociedade. Agora, discutiremos as singularidades que possibilitam a existência do enunciado em uma determinada época e lugar, então, direcionaremos nosso olhar para a história, que juntamente com os aspectos socioideológicos, engloba a produção do discurso. Vale ressaltar que essa concepção foi elaborada por Pêcheux e denominada como as *condições de produção do discurso* (CP), e surgiram segundo as perspectivas althusserianas.

É importante destacar também que, ao falarmos sobre CP, não nos referimos a um local físico. Nas palavras de Orlandi (2007, p. 32), trata-se

de alguma coisa mais forte - que vem pela história, que não pede licença, que vem pela memória, pelas filiações de sentidos constituídos em outros dizeres,



em muitas outras vozes, no jogo da língua, que vai se historicizando [...] marcada pela ideologia.

A historicidade mostra que um enunciado é formado por outros enunciados em um campo associativo. Dessa forma, é necessário compreender as condições específicas que possibilitaram a produção do dito em um determinado momento e não em outro. Em outras palavras, o que estabelece um enunciado não é o propósito individual do sujeito discursivo, mas sim o que as condições de produção impõem, ou seja, aquilo a que está submetido, pois cada indivíduo fala de acordo com o lugar que ele ocupa. Para melhor compreendermos essa questão, podemos tomar como exemplo os termos injuriosos, os quais, segundo Butler (2021, p. 67),

têm uma história, que é invocada e reforçada no momento do enunciado, mas que não é contada de maneira explícita. Não se trata simplesmente de uma história dos seus usos, dos seus contextos e objetivos; é o modo como tais histórias são introduzidas e interrompidas no e pelo nome. O nome tem, portanto, uma *historicidade* que pode ser entendida como a história que se tornou interna ao nome, que veio a constituir o significado contemporâneo do nome.

Considerando o lugar que o sujeito ocupa ao falar, Ribeiro (2020) apresenta a noção de “lugar de fala” e ressalta a origem imprecisa do termo. Segundo a filósofa brasileira, é comum confundirem lugar de fala e representatividade. Uma nordestina pode não se sentir representada por uma sulista, mas essa sulista pode teorizar sobre discursos xenofóbicos a partir da localização social que ela ocupa. É preciso romper com as ideias de que somente um determinado grupo possui autoridade para falar sobre preconceito linguístico, social, racial etc. Pois o conceito de lugar de fala não tem como objetivo restringir a troca de ideias, mas sim “entender as condições sociais que constituem o grupo do qual fulana faz parte e quais são as experiências que essa pessoa compartilha como grupo.” (RIBEIRO, 2020, p. 67) Quando falamos, não estamos apenas emitindo palavras, mas sim desfrutando do poder de existir em um determinado espaço e catalogando as perspectivas individuais de acordo com a realidade de cada indivíduo. Então, pode-se entender que “todas as pessoas possuem lugares de fala, pois estamos falando de localização social. E, a partir disso, é possível debater e refletir criticamente sobre os mais variados temas presentes na sociedade.” (RIBEIRO, 2020, p. 85) A localização social que ocupamos faz com que tenhamos experiências distintas de outros grupos. É importante ressaltar que, nessa discussão, quando nos referimos a grupos, não estamos falando de um amontoado de pessoas, mas de “individualidades em sua própria realidade.” (RIBEIRO, 2020, p. 61)

Segundo Orlandi (2007, p. 30), as condições de produção podem ser consideradas em sentido estrito, que inclui o contexto imediato, como também em sentido amplo, o qual envolve o contexto sócio-histórico e ideológico. Para compreendermos melhor essa questão, podemos tomar como exemplo os discursos xenofóbicos materializados no BBB21. Durante uma conversa, a participante Karol Conká diz:

### Transcrição do vídeo 2

“Eu tenho pavor de gente egoísta, sem educação”. Em seguida, imita o sotaque da paraibana Juliette quando fala: “deselegante, gente sufocante, delirante [...] eu

tenho vontade de fazer assim: que que é, ô b\*st@?”. Com isso, arranca risadas do participante Fiuk.<sup>2</sup>

Fonte: *YouTube*.

Nesse caso, o contexto imediato é o Big Brother Brasil 21; os sujeitos que falam (os participantes Karol e Fiuk); o momento em que estão confinados no *reality show* e o fato de o dito ter sido com essas palavras e não com outras. Já no contexto amplo, consideramos os efeitos de sentidos que resultam das formas como são constituídas as sociedades, no modo como a xenofobia delimita um espaço e determina a existência de um grupo dentro e outro fora, como as relações de superioridade e inferioridade são estabelecidas, considerando aqueles que possuem comportamentos adequados para uma espécie humana e quem se encontra como sub-humanos, devido aos valores culturais. E a história, ou seja, a série de acontecimentos que tende a classificar os nordestinos como um povo pobre, sem escolaridade, sem educação, pessoas escandalosas, que falam alto, de forma considerada errada e engraçada. Em razão desse cenário, esse grupo é visto como estranho, que pode ser desrespeitado e humilhado sem nenhum remorso. A confirmação disso provém das manifestações dos internautas, durante a exibição do programa, conforme mostra o comentário 1:

#### Comentário 1

karol imitando juliette pela milésima vez  
reproduzindo o sotaque em tom de deboche  
praticando a xenofobia com a qual todo paraibano  
convive desde que se entende por gente

Fonte: *twitter*

Na história humana, o receio do cruzamento de corpos distintos sempre esteve presente, logo, em razão de pertencer à uma cultura diferente, o nordestino é obrigado a conviver, constantemente, com manifestações violentas. É importante ressaltar também que episódios traumáticos do passado deixam marcas profundas e difíceis de serem esquecidas, em razão da memória que, na perspectiva discursiva, consideramos como “interdiscurso”. As individualidades da existência de um enunciado trazem em si o contexto sócio-histórico, ideológico. Tudo o que já foi “dito por alguém, em algum lugar, em outros momentos, mesmo muito distantes” (ORLANDI, 2007, p. 31) têm um efeito sobre o que se fala atualmente. O funcionamento do interdiscurso permite que o já-dito se inscreva no interior do que dizemos e, conseqüentemente, afete “o modo como o sujeito significa em uma situação discursiva dada.” (ORLANDI, 2007, p. 31). A manifestação exposta no *Twitter* certifica que a fala da participante da região Sul entra em um campo associativo com um histórico de falantes e integra outros efeitos de sentido em um novo contexto.

Dessa forma, nota-se “o caráter destrutivo que pode adquirir o sentimento de xenofobia, não só pelo acontecimento em si, mas pelas suas repercussões posteriores, que continuam, de certa forma, reverberando nos dias atuais.” (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2016, p. 154) Em razão do contexto sócio-histórico, o discurso de ódio direcionado a esse grupo torna-se efetivo, em outras palavras, a

---

<sup>2</sup> Vídeo 2: “**Karol volta a ter fala xenofóbica contra Juliette zoando o sotaque dela**” – Canal Anna Voig. Disponível em: <https://youtu.be/-L3l2LBI2bM> – Acesso em: 13 abr. 2022

formulação do enunciado da participante Karol gera um efeito de sentido que atinge os nordestinos, devido à historicidade desses termos.

### 3.4 Sobre os efeitos de sentido

Integrante à noção de discurso, é importante definir também a noção de efeito de sentido. Na AD, essa definição não se refere ao significado fixo das palavras, como determinam os dicionários, mas sim em razão da posição dos interlocutores em questão, pois uma mesma palavra pode adquirir um “conteúdo” semântico diferente de acordo com a formação ideológica do falante. Então, o significado de um termo só pode ser determinado a partir do contexto, devido à historicidade mutável de seu uso.

Ademais, vale ressaltar que “a produção de sentido se dá fora do controle do sujeito e fora de seu alcance.” (FERNANDES, 2008, p. 28) No nosso cotidiano, por exemplo, aquilo que falamos, muitas vezes, provoca um efeito contrário do que desejávamos e, quando isso ocorre, rapidamente evidenciamos: “não foi isso que eu quis dizer”, ou “me expressei errado”. Pois, um enunciado pode adquirir um sentido diferente, ao ser pronunciado em um outro momento, já que os efeitos decorrem de acordo com as inscrições ideológicas dos falantes envolvidos.

No programa do Big Brother Brasil 21 foram observados diversos discursos xenofóbicos contra uma participante de origem nordestina. Rapidamente, esse caso tornou-se um dos assuntos mais comentados do *Twitter*, assim, selecionamos algumas manifestações de internautas, a fim de compreender os efeitos de sentidos gerados na comunidade virtual, durante a exibição do programa:

#### Comentário 2

É constante a CHACOTA com os nordestinos principalmente paraibanos, fazem pouco caso, não nos levam a sério, não nos respeitam, se sentem superiores a nós, mais educados, mais inteligentes, mais capacitados, CARA EXAUSTIVO NOJENTA E PODRE essa discriminação, me dói e não é pouco.

14:41 · 29/01/2021 · [Twitter for iPhone](#)

Fonte: *twitter*

Os discursos xenofóbicos relativos às falas dos participantes do BBB21 causam desconforto, ainda que de maneira não intencional. Essa injúria pode estar ligada, em partes, aos traumas transportados na linguagem, já que as palavras carregam em si uma história que é revivida na situação de fala. A confirmação disso provém das escolhas lexicais da internauta, quando diz “não nos respeitam... exaustivo essa discriminação, me dói e não é pouco”, logo, percebe-se que se trata de uma nordestina que também vivencia, constantemente, práticas xenofóbicas. Então, “o efeito ofensivo de tais palavras é estritamente contextual e [...] uma mudança de contexto pode exacerbar ou minimizar seu caráter ofensivo.” (BUTLER, 2021, p. 31) A linguagem,

portanto, é um ato performativo que gera efeitos, os quais não podemos saber antecipadamente, já que os sentidos ocorrem com base na interpretação do interlocutor, isto é, de acordo com o sócio-histórico-ideológico dos interlocutores envolvidos no momento da fala. E esse “momento” não é único, uma vez que excede a si mesmo e se desloca ao futuro e ao passado.

### Comentário 3

Eu sou do Sul e estou extremamente envergonhada por essa fala da Carol . Povo do norte/ nordeste vocês são maravilhosos , desculpem! 🙇

3:54 PM · 29 de jan de 2021 · Twitter Web App

Fonte: *Twitter*

No comentário 3, embora a internauta seja da região Sul do Brasil, ela reconhece e defende as diferenças culturais, ou seja, demonstra valorar com igualdade as diversas formas de ser e agir. Mas, no mundo contemporâneo, ainda há aqueles que não aceitam a diversidade cultural humana, logo, rejeitam, menosprezam e violentam o outro. Nesse caso, as redes sociais se tornaram um meio de denunciar atitudes xenofóbicas, pois, os acontecimentos evidenciados nas telas de TV interferem, diretamente, no dia a dia das pessoas, as quais utilizam suas redes sociais para expressar seus pensamentos e indignações.

## 4 CARACTERÍSTICAS DA XENOFOBIA

A princípio, é importante salientar que o termo xenofobia, segundo Albuquerque Júnior (2016, p. 9),

vem do grego, da articulação das palavras *xénos* (estranho, estrangeiro) e *phobos* (medo), significando, portando, o medo, a rejeição, a recusa, a antipatia [...] às pessoas estranhas ao território, ao meio, à cultura a que pertence àquele que julga, que observa, que se considera como estando em seu lugar.

A xenofobia delimita um espaço e determina a existência de um grupo dentro e outro fora desse território, àquele que vem do exterior é considerado um estranho e, muitas vezes, é rejeitado, humilhado, agredido ou, até mesmo, morto pelo grupo que está no interior, em razão de pertencer às culturas diferentes. De acordo com Albuquerque Júnior (2016, p. 11), mesmo aquelas sociedades que se consideram mais desenvolvidas, no que diz respeito aos sistemas tecnológicos, valores e costumes, são obrigadas a conviver com manifestações violentas em relação aos estrangeiros. Isso acontece uma vez que os meios de transportes e comunicação possibilitaram uma maior percepção da existência de diferentes povos e o contato frente a frente daqueles que não se consideram pertencentes de uma mesma natureza humana, logo, a xenofobia foi intensificada e se tornou um dos maiores problemas da contemporaneidade.

A princípio, podemos destacar a diversidade das aparências humanas como um dos aspectos que implica atitudes xenofóbicas. O sujeito “que não possui os mesmos traços físicos e marcas culturais, tende a ser enxergado e dito como inferior, como incompleto, como mau, como privado, inclusive, da condição humana.”

(ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2016, p. 17) Em razão das diferenças na aparência, o estrangeiro é visto como um ser que não possui as mesmas qualidades de uma determinada comunidade. Tais atitudes são consideradas bastante ancestrais, ou seja, expressam comportamentos retrógrados, pois consideram as marcas de um determinado grupo como critérios para conceituá-lo ou não como humano. Assim, a ideia de superioridade e inferioridade ainda perdura na comunidade contemporânea.

Um outro elemento que ocasiona a xenofobia, além da dimensão corporal, é a diferença cultural, isto é, os costumes, o jeito de ser. Segundo Albuquerque Júnior (2016, p. 32), “nós, humanos, somos seres biológicos, naturais, mas também e, principalmente, seres culturais. Nossos próprios corpos são educados, moldados, adestrados, [...] produzidos a partir de dados padrões e regras culturais.” Assim, os comportamentos, as roupas, as crenças, as ideias, os modos de vida de um lugar para o outro se diferem, conseqüentemente, isso ocasiona estranhamento, medo e rejeição em relação a um determinado grupo humano que não partilha dos mesmos valores culturais. A fim de preservar suas tradições, rejeitam o contato com o diferente e julgam os outros como “inferiores, atrasados ou degenerados, pecaminosos ou decadentes.” (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2016, p. 36). Em relação aos discursos xenofóbicos, no BBB21, em uma conversa sobre a participante Juliette, Karol Conká afirma:

### Transcrição do vídeo 3

Eu vou falar: ‘Querida, você muda a sua postura coc\* de mulher frouxa e representa a tua cidade, o teu lugar com maestria. Porque entrar aqui e encher a boca pra falar que é paraibana, justificar o jeito paraibano, tá feio, não é assim. Eu conheço muitos paraibanos e ela não pode queimar assim.’<sup>3</sup>

Fonte: YouTube

A participante Juliette, por não dominar o modo de vida do Sul, tem seus comportamentos classificados como desagradáveis, asquerosos, sujos *etc.* Assim, Juliette é pressionada, cobrada, para que adquira imediatamente as marcas culturais que Conká julga como corretas. Cada grupo constrói, constantemente, cenários reais ou ficcionais para definir o que é considerado adequado para uma espécie humana. Assim, suas atitudes e reações emocionais partem desse repertório de imagens, e quanto mais distante o outro se encontra dessa cena, com mais intensidade causará desconforto, rejeição e medo para um determinado agrupamento, como também “perde sua condição de semelhante, de humano, torna-se um animal estranho, uma coisa.” (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2016, p. 111). Por ser considerada diferente, a participante de origem nordestina também suscita sentimentos agressivos em Conká. Nesse caso, pode-se perceber que “cada sociedade tende a colocar sua própria cultura no topo, considerá-la superior, melhor, normal, mais civilizada, mais justa, mais verdadeira.” (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2016, p. 40) Esses sujeitos praticam o que chamamos de etnocentrismo e, além disso, tentam modificar o jeito de ser do outro.

Um outro elemento chave que difere a cultura entre os homens e ocasiona, constantemente, atitudes xenofóbicas é a linguagem. Em uma conversa sobre a paraibana Juliette, o participante Projota diz:

### Transcrição do vídeo 4

---

<sup>3</sup> Vídeo 3: “Karol Conká diz que Juliette está ‘queimando imagem’ de paraibanos” – Canal ClickTV. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=wXO3PNL0pU8> – Acesso em: 13 abr. 2022

“Não conseguia manter no pianinho. A voz começa a subir”. Em seguida, arranca risadas dos demais participantes.<sup>4</sup>

Fonte: *YouTube*

Nesse caso, o linguajar da nordestina é visto de forma pejorativa, a rotulam como escandalosa por falar alto, de forma considerada errada e engraçada. Logo, tais atitudes são, na maioria das vezes, xenofóbicas, pois ridicularizam as diferenças culturais de determinados grupos. No programa do dia 03/02/2021, Juliette diz:

### Transcrição do vídeo 5

“eu senti na minha pele as pessoas ironizando na minha cara, tirando onda do meu sotaque, me imitando...”

Fonte: Globo Play. Recorte de tempo 14:54min. – 15:03min.

Logo, percebe-se que a participante se sente agredida verbalmente e desprezada em razão do seu modo de falar, ou seja, pelo cenário que um determinado grupo produz como padrão da linguagem humana. Posteriormente, vale ressaltar que a construção identitária do sujeito está diretamente ligada com o ambiente de origem, assim, se desvincular do seu espaço é um ato de violência contra si mesmo. Dessa forma, a xenofobia “é um sentimento cruel, entre outras coisas, por incidir sobre um ser humano já em estado de fragilidade, já em situação de estranhamento e precariedade territorial.” (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2016, p. 48) Nesse caso, a xenofobia é apontada como um sentimento pois se trata de “uma reação complexa, da qual fazem parte sensações, reações motoras e psíquicas, memórias e preconceitos ou conceitos com sentido comum e até mesmo outros sentimentos.” (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2016, p. 168) É importante destacar também que esse vínculo intenso entre a construção identitária do sujeito e o seu território é vista desde os tempos de organização social dos gregos antigos, os quais mencionavam, nos seus próprios nomes, a cidade em que habitavam.

Um outro elemento que está associado à xenofobia é a rejeição à pobreza. No mundo capitalista, cada sujeito “passa a ser as marcas de roupa, relógio, tênis ou óculos que porta; seu lugar na sociedade, seu status, passa a ser definido pela marca de perfume que usa ou pela marca de carro que compra e utiliza.” (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2016, p. 95). Assim, a classe média rejeita aqueles que possuem pouco recurso financeiro, pois, o consumo afirma a humanidade. Nesse caso, podemos tomar como exemplo os nordestinos, os quais são considerados imigrantes pobres que costumam sair do seu espaço de origem para se apossarem dos bens de outras áreas, como, por exemplo, do mercado de trabalho do Sul do Brasil. Em razão de pertencerem a uma região geograficamente mais desenvolvida, os sulistas tendem a rejeitar os nordestinos, pois o consideram como um povo desprovido de escolaridade, de educação, de recursos financeiros etc. Mas, é importante ressaltar que, segundo Albuquerque Júnior (2016, p. 99), o Sul do Brasil

foi aquela parte do país ocupada e colonizada quase que integralmente por estrangeiros, por imigrantes, a maioria deles desembarcados no país em situação de extrema pobreza. As novas gerações, nascidas no Brasil, parecem ter perdido a memória acerca das condições em que seus antepassados aqui chegaram, a maioria deles tendo atravessado o oceano

---

<sup>4</sup> Vídeo 4: “**BBB 21 Projota debochando de Juliette**” – Canal Daniel Muniz. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=JsEsM1Nlt-g> – Acesso em: 13 abr. 2022

Atlântico apinhados em navios que lhes ofereciam péssimas condições de transporte.

A desinformação gera uma reação inapropriada em relação às classes mais pobres, pois rejeitam e inviabilizam um povo que, atualmente, vive nas mesmas condições financeiras dos seus familiares em épocas passadas. Nesse caso, desconhecem ou esquecem que boa parte do Sul do Brasil é descendente de estrangeiros, os quais fugiam da fome, da miséria e de diversas perseguições perigosas.

Um outro elemento ocasionador da xenofobia é o desprezo oferecido à certas populações. Historicamente, os sulistas tendem a ver os nordestinos com “um certo déficit de humanidade, quando não sua mais completa inexistência.” (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2016, p. 19) Logo, os modos de pensar dos sujeitos em outros tempos ainda sobrevivem na contemporaneidade e são apresentados em diversas formas distintas, por intermédio das condições de produção do presente. O pertencimento a uma região é o suficiente para ser visto como subordinado, isto é, com uma vida inferior que classifica determinado grupo como sub-humano. Essa mentalidade constrói, de acordo com a origem territorial, uma concepção hierárquica e classificatória das sociedades. Segundo Butler (2021, p. 130-131),

na medida em que certos grupos foram ‘historicamente subordinados’, o discurso de ódio dirigido contra eles consiste em uma ratificação e ampliação dessa ‘subordinação estrutural’. Para Matsuda, é como se certas formas históricas de subordinação tivessem assumidos um estatuto ‘estrutural’, de modo que essa história e essa estrutura generalizadas constituem ‘o contexto’ no qual o discurso de ódio se mostra efetivo.

No mundo contemporâneo, infelizmente, ainda há divisões que determinam as populações significativas, isto é, as superiores, e aquelas que não importam, conseqüentemente, estas são vistas como estranhas que podem ser desrespeitadas e humilhadas sem nenhum remorso. Nesse caso, a linguagem injuriosa direcionada a esse grupo inferior torna-se efetiva em razão do contexto sócio-histórico que envolve o discurso.

## 5 O DISCURSO DE ÓDIO E SUAS RELAÇÕES COM A XENOFOBIA

Segundo Kubler (1998, *apud* PERRONE e PFITSCHER, 2016, p. 147), o discurso de ódio “está relacionado com a propagação de formas concretas de expressão e de comunicação, dirigidas a grupos definidos por sua raça, religião, orientação sexual, deficiência, etnia, nacionalidade, idade, gênero, grupo social” *etc.* Dessa forma, o sujeito, ao proferir falas ofensivas, demonstra um poder sobre o outro, uma noção de soberania, atingindo, assim, a construção identitária da vítima, que passa a ocupar uma posição social subordinada. Em outras palavras, Perrone & Pfitscher (2016, p. 150-151) afirmam que

o discurso de ódio não apenas humilha, mas ele também define uma posição para aquele que é humilhado. [...] É do Outro que o sujeito recebe sua identidade simbólica. E como ele confirma que o Outro existe e que é um instrumento dele? A confirmação provém da reação provocada na vítima. A agressão dirige-se ao núcleo traumático da vítima, ao redor do qual ela organiza a sua identidade. As palavras ferem quando deixam a vítima muda, incapaz de refletir ou de agir.

A partir disso, compreende-se que ao ser insultado, o sujeito é restringido, paralisado, subordinado, adquire uma nova existência social na temporalidade linguística e desorienta-se em relação em que se está, logo, constitui-se como a performatização da própria injúria. Assim, os termos injuriosos geram o medo como resposta, isso torna-se evidente no discurso de Juliette no dia 01/02/2021, quando diz:

#### Transcrição do vídeo 6

“Eu ‘tava’ com muito medo de tudo, não era de ninguém aqui, era medo de falar o que não podia”.

**Fonte:** Globo Play. Recorte de tempo 08:51min. – 09:01min.

A participante sente medo de que sua forma de se expressar cause incômodo, isso acontece uma vez que os nordestinos há anos são taxados como ‘mal-educados’, apenas pelo seu lugar de origem. Logo, o discurso de Conká relaciona-se com acontecimentos traumáticos, já que os termos injuriosos carregam em si uma história, a qual é revivida no momento do enunciado.

Ademais, quando emitimos que a linguagem tem o poder de ferir, estamos afirmando que a linguagem “atua, e atua contra nós” (BUTLER, 2021, p. 11). Isso ocorre uma vez que somos seres que se constituem em seus termos e uma das primeiras provas disso é quando nascemos, pois, para existir socialmente, precisamos ser chamados por um nome. Logo, demonstramos uma vulnerabilidade no que se refere à linguagem, que, além de comunicar, passou a dispor de uma nova instância: o poder de ferir. Metaforicamente, podemos comparar essa nova atribuição à dor física, uma força que machuca aquele que recebe, é “como levar um tapa na cara, o ferimento é instantâneo.” (LAWRENCE III *apud* BUTLER, 2021, p. 16). Nesse caso, podemos tomar como exemplo o discurso proferido pela participante Juliette, no dia 03/02/2021:

#### Transcrição do vídeo 7

“Dói em mim, dói aqui óh [toca na pele] ... eu sinto o gosto dessa dor, eu ‘tô’ tentando dizer isso o tempo inteiro e ninguém ‘tá’ me ouvindo. Porque eu sou isso eu sou aquilo, eu sou clichê [...] Desde que eu entrei nesse programa, até agora, eu ‘tô’ tentando provar quem eu sou e vocês não estão deixando.”

**Fonte:** Globo Play. Recorte de tempo 09:35min. – 10:00min.

A partir da fala de Juliette, percebe-se que há uma relação entre corpo e fala, já que certos endereçamentos geram ferimentos físicos e incapacitam a vítima. Nesse caso, o discurso de ódio não faz apenas ameaças de violência, mas é a violência em si, uma vez que a própria linguagem performatiza a dor. Ademais, quando a participante Juliette diz que está tentando provar quem ela é, nota-se que o discurso de ódio contribui no processo de interpelação social, ou seja, o destinatário passa a ser constituído através do Outro e, com isso, ocupa uma nova posição social subordinada. “O insulto, no entanto, assume sua proporção específica no tempo” (BUTLER, 2021, p. 12), então, excede o momento do enunciado. Dessa forma, compreende-se que “o sujeito é interpelado por uma voz anterior, que exerce uma forma ritual” (BUTLER, 2021, p. 52). Nas palavras de Austin, “ritual ou cerimonial” refere-se à repetição no tempo, nesse caso, o sujeito que profere palavras injuriosas não é responsável pela sua origem, mas sim pela repetição que se fixa e dá ao nome sua força. Assim, quando o interlocutor profere tais termos, entra em consonância linguística com um histórico de falantes.



Para definir a dimensão ritual da convenção, é necessário analisar a “situação total” do ato de fala, o que não é uma tarefa tão fácil. Então, Austin (*apud* BUTLER, 2021, p. 13-14) buscou delimitar essa totalidade e diferenciou os atos de fala “ilocucionários” de “perlocucionários”, respectivamente,

os primeiros são os atos de fala que, ao dizer algo, fazem o que dizem e no momento em que dizem; os segundos são atos de fala que produzem certos efeitos como consequência; quando algo é dito, certo efeito é produzido. O ato de fala ilocucionário é, ele próprio, o feito que ele deriva; o perlocucionário somente leva a certos efeitos que não são a mesma coisa que o ato de fala em si.

Os atos perlocucionários geram consequências, as quais são produzidas após o dito, ainda que não intencionais. Já os ilocucionários possuem em si próprio um poder que advém de convenções já estabelecidas. Assim, se um ato de fala obtém sucesso é devido as ações anteriores, logo, “nenhum termo ou afirmação pode funcionar performativamente sem a historicidade acumulativa e dissimuladora da força”. (BUTLER, 2021, p. 90) Mas, não se trata da história do seu uso, e sim “o modo como tais histórias são introduzidas e interrompidas no e pelo nome.” (BUTLER, 2021, p. 67). Se a temporalidade das convenções excede para o passado e o futuro, é impossível, em qualquer uma dessas instâncias, identificar seguramente a situação total da fala, pois há uma perda de contexto. Então, “ser chamado de forma injuriosa não é apenas abrir-se a um futuro desconhecido, mas desconhecer o tempo e o lugar da injúria, desorientar-se em relação à própria situação como efeito desse discurso.” (BUTLER, 2021, p. 15)

No programa do dia 01/02/2021, o apresentador Thiago questiona a participante Juliette e diz:

#### Transcrição do vídeo 8

Thiago: “você ‘tá’ com dificuldade de conversar, é isso que você ‘tá’ dizendo? Você não ‘tá’ conseguindo dialogar, não ‘tá’ entendendo?”

Juliette: “eu não ‘tô’... eu achava que eu falava bem, maravilhosamente bem, mas talvez eu fale muito alto, talvez eu fale muito forte, eu pareça ser pedante e arrogante...”.

**Fonte:** Globo Play. Recorte de tempo 33:40min. – 33:56min.

A partir disso, percebe-se que “a dor do corpo é inexprimível na linguagem, que a dor destrói a linguagem” (BUTLER, 2021, p. 19) A confirmação disso provém da reação de Juliette que não consegue se comunicar, pois aquele que, obrigatoriamente, ocupa uma posição social subordinada e recebe as palavras dolorosas é silenciado e se torna incapaz de agir no momento do ato. Conforme dito anteriormente, “a agressão dirige-se ao núcleo traumático da vítima, ao redor do qual ela organiza a sua identidade” (PERRONE & PFITSCHER, 2016, p. 150-151), por esse motivo, Juliette começa a se reconhecer como “pedante” e “arrogante”, pois essa construção é feita de acordo com os traumas transportados na linguagem. Geralmente, o povo nordestino é visto como pobre e ignorante, que muitas vezes precisam sair de suas cidades para estudar e trabalhar no Sul, pois é uma região geograficamente mais desenvolvida que o Nordeste. Nesse caso, Karol Conká renova os termos linguísticos de sua comunidade e se assegura nas convenções estabelecidas pela estrutura social, com isso, o discurso de ódio se torna efetivo.

É importante ressaltar também que o sujeito falante não sabe como será interpretado aquilo que é dito, pois a reação do Outro não está sob seu controle, então,

os nossos dizeres podem significar algo diferente do que, de fato, queríamos enunciar. Sendo assim, a comunidade virtual devolve à participante uma resposta inesperada com uma linguagem injuriosa. No momento em que fala, os internautas performatizam com efetividade o que diz, ou seja, agem com um poder irrefutado e colocam em ação um julgamento, assim como faz um representante da lei. Nesse caso, realiza-se o que chamamos, atualmente, de “cancelamento”, um tipo de linchamento virtual com inúmeros discursos de ódio em que sua força é descrita como ilocucionária, conforme mostra o quadro a seguir:

**Quadro 1 – Tweets com manifestações sobre as falas de Karol Conká**

“Empatia? Essa Conká é uma víbora. Ela mesma disse em Ana Maria Braga que ‘não aprendeu a fazer as coisas com carinho’. Ou seja, é nojenta e mau caráter mesmo dentro e fora da casa. Manipuladora e dissimulada. Resumindo: Karol Conká não presta. (...)”
“Aí falam ‘ah, tem que parar essa cultura do cancelamento’. Como é que não cancela um ser humano horrível como Karol Conká? Como é que não fala mal de uma pessoa como essa? (...) Tem que cancelar mesmo”
“Boninho, o Brasil quer a cabeça da Karol Conká. Cancela esse bate volta #bbb21”
“Karol Conká vai sair do bbb e ir direto ‘p’ caixão pois está morta para todos os brasileiros”
“se um dia eu encontrar a Karol conká eu cuspo na cara dela juro”

Fonte: *Twitter* / Elaboração da autora

De acordo com as manifestações no *Twitter*, observa-se que, quando há dor, “um sujeito é retrospectivamente atribuído ao ato como sua origem, e o ato é atribuído ao sujeito como seu efeito; essa dupla atribuição se confunde com uma terceira, a saber, a atribuição de uma consequência injuriosa ao sujeito e a seu ato.” (BUTLER, 2021, p. 82). Isso acontece uma vez que há um esquecimento de que tais palavras já foram ditas anteriormente, dessa forma, o sujeito falante é posto como o agente culpável, conseqüentemente, é isolado e interpretado como o originador intencional desse discurso, devido à necessidade de culpabilizar alguém por uma determinada ação dolorosa. Assim, o conjunto de efeitos que surge após os discursos xenofóbicos destrói a reputação da participante e o cancelamento surge como forma de justiça e punição. Os telespectadores do programa destilam ódio nas suas redes sociais ao caracterizá-la como “nojenta; mau-caráter; manipuladora e dissimulada”, além disso, a consideram como morta para todos os brasileiros, desejam a sua cabeça e registram o desejo de cuspir na cara dela. O linchamento virtual fez com que a cantora perdesse a liberdade de sair por medo de agressões nas ruas, o seu direito de expressão e um grande prejuízo na sua carreira.

Na medida em que os internautas proferem palavras ofensivas e essas mensagens de subordinação tornam-se efetivas, esses falantes têm um poder soberano de fazer o que diz. Dessa forma, podemos dizer que as manifestações contra Karol Conká (Quadro 1) agem como instâncias judiciais, pois, quando o juiz diz “Eu o condeno”, o próprio dizer é um tipo de ação imediato, logo, observa-se um deslocamento da lei, uma vez que esse poder performativo passa a ser concedido aos internautas que praticam o “cancelamento” e condenam a participante Karol Conká. Segundo Butler (2021, p. 141),

é como se o próprio poder do Estado tivesse sido expropriado, delegado a seus cidadãos, e o Estado então ressurgisse como um instrumento neutro ao

qual procuramos recorrer para nos proteger de outros cidadãos, que se tornaram emblemas reanimadores de um poder soberano (perdido).

Isso acontece uma vez que o discurso não se restringe a um sujeito específico, tampouco ao seu contexto de origem. Na contemporaneidade, o poder de fazer o que diz surge de diferentes lugares e não se restringe mais aos parâmetros da lei. Embora esta não tenha sido a intenção durante a criação da internet, nota-se que os usuários modificaram as possibilidades de comunicação e propagam a violência na vida das pessoas, condenando e “cancelando”. Desse modo, a constituição do sujeito e seu novo lugar na sociedade são colocados em questão. Tais atitudes justificam-se “talvez pelo suposto potencial anonimato que se associa com a percepção da falta de lesividade das condutas realizadas.” (PERRONE e PFITSCHER, 2016, p. 148) A partir disso, compreende-se que, de fato, “o digital produziu uma mudança na discursividade do mundo.” (DIAS, 2016, p. 9)

O poder é performatizado por um sujeito sobre outro sujeito, e não mais pelo Estado ou outra instituição judicial. Conforme dito anteriormente, todo termo tem uma história acumulativa e, para tal efetivação, faz-se necessário um lugar de poder, que parece ser estável. Mas, de acordo com Derrida (*apud* BUTLER, 2021, p. 242), “a força do performativo é derivada justamente de sua descontextualização, de sua ruptura com um contexto anterior e de sua capacidade de assumir novos contextos.” Logo, compreende-se que a repetição de palavras injuriosas se torna efetiva em situações distintas, pois seu sucesso não está vinculado a um contexto particular, mesmo que elas apareçam com uma certa frequência em um mesmo lugar. É importante destacar que não desconsideramos a tentativa de delimitar um contexto, mas sim de mostrar que qualquer “cancelamento” está sujeito a revisões infinitas de convenções estabelecidas.

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo desse trabalho, dialogamos sobre a xenofobia, a qual se fez presente de maneira marcante na 21ª edição do *Big Brother* Brasil, uma vez que o programa é constituído por participantes oriundos de diferentes regiões do Brasil. Assim, analisar a materialização dos discursos xenofóbicos do *reality show* em questão nos possibilitou compreender como as reações preconceituosas são impulsionadas por memórias inconscientes, na maioria das vezes, associadas a episódios passados.

Diante disso, podemos dizer que a produção de discursos tem suas condições pré-estabelecidas pelas ideologias que constitui o sujeito enunciador. Em outras palavras, as escolhas lexicais estão diretamente ligadas com as vivências e os ensinamentos obtidos por uma determinada sociedade. No choque com o diferente, o corpo é movido pela raiva, pela rejeição e pelo incômodo antes mesmo de refletir sobre a situação, pois utiliza-se de um conceito prévio em relação àquele grupo humano. Nesse caso, a participante Karol Conká reflete em suas palavras como os sulistas constroem há anos a identidade dos nordestinos, logo, nota-se que o dito não é estabelecido por um propósito individual, mas sim pelas condições impostas no meio social, apesar de o sujeito enunciador não possuir consciência de tais regras.

É importante ressaltar também que os discursos xenofóbicos dos participantes são construídos a partir de aspectos linguísticos, econômicos, sociais e culturais. Respectivamente, isso ocorre uma vez que o linguajar nordestino é visto de maneira pejorativa e engraçada; além disso, esses sujeitos são, constantemente, considerados imigrantes pobres que não possuem escolaridade, logo, não sabem se comportar de

forma educada. Assim, o pertencimento a uma região é o suficiente para ser visto como subordinado, ou seja, alguém que pode ser humilhado e desrespeitado sem nenhum remorso, pois estes são considerados sub-humanos apenas por possuírem ideias, modos de vida, crenças e comportamentos distintos de um determinado agrupamento.

Assim, um dos efeitos de sentidos provocados na comunidade virtual está relacionado à intenção de denunciar atitudes xenofóbicas, como também de atribuir a um determinado sujeito a origem de uma ação dolorosa, a qual ocasiona consequências. Para isso, os internautas utilizam o discurso de ódio com poder ilocucionário para “cancelar” a participante da região Sul. No entanto, é válido ressaltar que Karol Conká é responsável apenas pela repetição do dito que se fixa e dá ao nome a sua força. Na AD, consideramos isso como “interdiscurso”, pois todo enunciado é constituído pelo cruzamento de diversos discursos de diferentes épocas e lugares sociais.

Vale ressaltar também que, embora ainda ocorram atitudes xenofóbicas, o modo como o Nordeste é visto, atualmente, se difere da antiguidade. Além disso, torna-se claro que Juliette foi uma importante representação dos nordestinos, principalmente, dos paraibanos, pois a exposição no *reality show* pode reconfigurar a significação da existência de um ser individual ou de um grupo. O poder dessa representação torna-se evidente após o desfecho do programa, o qual teve como campeã, na 21ª edição, a participante Juliette, após a mobilização dos telespectadores e a repercussão na comunidade virtual.

Em suma, é fundamental compreender que as marcas culturais não devem ser critérios para conceituação ou não da humanidade. Assim, o reconhecimento das diferenças humanas expostas no decorrer do programa torna-se necessário para construção da igualdade, uma vez que o mundo real está cada vez mais ligado e influenciado pelo mundo virtual, assim, depreende-se que os acontecimentos evidenciados nas telinhas interferem, diretamente, no nosso dia a dia. Além disso, nota-se, a partir das manifestações dos internautas no *Twitter*, que as mídias sociais produziram “uma mudança na discursividade do mundo” (DIAS, 2016, p. 9) e estão cada vez mais presentes na vida das pessoas.

## REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz. **Xenofobia: medo e rejeição ao estrangeiro**. São Paulo: Cortez, 2016.

BRANDÃO, Helena H. N. **Introdução à Análise do Discurso**. 2. ed. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2004, p. 14-36.

BUTLER, Judith. **Discurso de ódio: uma política do performativo**. São Paulo: Editora Unesp, 2021.

CHAUÍ, Marilena. **O que é ideologia**. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 2008, p. 9-33.

DIAS, Cristiane. A análise do discurso digital: um campo de questões. **Redisco**, Vitória da Conquista, 2016. v. 10, n.2, p. 8-20.

FERNANDES, Cleudemar Alves. **Análise do discurso**: reflexões introdutórias. 2. ed. São Carlos, SP: Claraluz, 2008.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. 3. ed. Ipiranga, SP: Edições Loyola, 1996.

GREGOLIN, Maria do Rosário Valencise. Análise do discurso: lugar de enfrentamentos teóricos. In: FERNANDES, Cleudemar Alves; SANTOS, João Bôsko Cabral. **Teorias Linguísticas**: problemáticas contemporâneas. Uberlândia: EDUFU, 2003, p. 21-32.

MAGALHÃES, Anderson S.; KOGAWA, João. (Orgs.). **Pensadores da análise do discurso**: uma introdução. Jundiaí, SP: Paco, 2019, p. 24-206.

MAZZOLA, R. B. Análise do Discurso: um campo de reformulações. In: MILANEZ, N.; SANTOS, J. J. (Org.) **Análise do Discurso**: sujeito, lugares e olhares. São Carlos, SP: Claraluz, 2009. p. 7-16.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Análise de discurso**: princípios & procedimentos. 7.. ed. Campinas, SP: Pontes, 2007.

PERRONE, Cláudia Maria; PFITSCHER, Mariana. Discurso de ódio na internet: algumas questões. **Redisco**. Vitória da Conquista, 2016. v. 10, n.2, p. 146-154.

PRODANOV, Cleber Cristiano; DE FREITAS, Ernani Cesar. **Metodologia do trabalho científico**: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico. 2. ed. Novo Hamburgo, RS: Feevale, 2013.

RIBEIRO, Djamila. **Lugar de fala**. São Paulo: Jandaíra, 2020, p. 53-81.

## AGRADECIMENTOS

À Deus, que é minha base, força e ânimo.

Aos meus pais Valmir e Vandilma, como também a minha irmã Thays, que foram fundamentais no decorrer da minha graduação, pois seus incentivos diários me fizeram chegar até aqui. Obrigada por tudo, meu amor por vocês é imenso, é inexplicável.

Ao meu paciente namorado Matheus, o qual acompanhou de perto toda a minha caminhada acadêmica, desde o meu primeiro dia de aula. Obrigada por ouvir meus desabafos, aflições, pelo ombro amigo de sempre e pela calma, a qual concedeu minha estabilidade emocional em diversos momentos. Você foi fundamental.

Às minhas amigas que tornaram a minha caminhada acadêmica mais leve. Obrigada pelas conversas diárias que sempre me arrancavam risadas, pelas trocas de conhecimentos, pelas parcerias na elaboração de trabalhos, entre outros momentos únicos e inesquecíveis. Vocês foram e sempre serão essenciais na minha vida.

Agradeço em especial ao meu primo Eri Jonhson Oliveira, que sempre me incentivou a ter um curso superior. Você é uma pessoa admirável. Sou grata por tudo.

À minha orientadora Profa. Dra. Tânia Maria Augusto Pereira. Com suas aulas obtive inúmeros conhecimentos, desenvolvi um amor pela área da Análise do Discurso e senti o desejo de elaborar esse estudo. Serei eternamente grata por todas as orientações e, principalmente, por toda paciência. Você é um exemplo de uma grande profissional.

À professora Dra. Dalva Lobão Assis, que exerce às ações em sala de aula com grande excelência, paciência e amor. Muito obrigada por todo conhecimento compartilhado durante todos esses anos. Desde o início da minha graduação tenho uma grande admiração pelo ser humano único que és. Você é dotada de inúmeras qualidades.

À professora Dra. Iara Francisca Araújo Cavalcanti, que me concedeu a grande oportunidade de participar do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID). Agradeço de todo meu coração, pois, através dessa experiência, adquiri inúmeros conhecimentos que contribuíram significativamente na minha formação acadêmica. Sua dedicação diária e responsabilidade com a prática docente é digna de toda admiração do mundo. Você é muito especial para mim.

À UEPB e todo o corpo docente do Departamento de Letras e Artes – DLA.